

LIVRO II · SAGA THOMAS

A
ÚLTIMA
CARTA

CARLOS MIGUEL FERREIRA

FICÇÃO · ROMANCE

Somos as nossas falhas e os passos que damos para as emendar.

Para aqueles a quem o passado pesa, que o possam libertar.

Índice

1. O meu nome	13
2. Nunca venci	18
3. As regras do jogo	25
4. 1967	32
5. Invisível	35
6. A busca.....	40
7. Jimmy Brown.....	44
8. O nosso trabalho	53
Relatório de Investigação Criminal (Caso #2215301099).	58
9. Luto	62
10. Heróis.....	68
11. Páginas rabiscadas	71
12. O esconderijo.....	77
13. Xeque-mate	81
14. A carta	86
15. Madrugada.....	89
16. Segura.....	92
Relatório de Investigação Criminal (Caso #2222341099).	100
17. Revelações	107
18. A culpa.....	112
19. Estoiro	118
20. Quem controla o jogo	122

21. O código	124
22. O desespero	127
Relatório de Investigação Criminal (Caso #2240171099)	133
23. O que ele esconde	136
24. O silêncio	142
25. O grito	146
26. Staches	151
27. Glórias passadas	154
28. Mãe	159
29. Legado	164
30. Os olhos fechados, o mundo quieto	166
31. A última carta	169
32. Às escondidas	172
33. Onde tudo começou	175
34. Escuridão	180
35. Casa	185
36. A traição	188
37. Duas faces	194
38. Um rapaz diferente	196
39. Os anos	203
40. A vingança	206
41. A corrida	210
42. Todas as peças	213
43. Tarde de mais	218
44. Redenção	224
45. O fim	229
46. Lauriane	232
 Nota do autor	245
Agradecimentos	247

PLAYLIST

- «The Blue Notebooks» – Max Richter: 1:19
- «On the Nature of Daylight» – Max Richter: 6:11
- «Horizon Variations» – Max Richter: 1:52
- «Shadow Journal» – Max Richter: 8:22
- «Iconography» – Max Richter: 3:38
- «Vladimir's Blues» – Max Richter: 1:18
- «Arboretum» – Max Richter: 2:53
- «Old Song» – Max Richter: 2:11
- «Organum» – Max Richter: 3:13
- «The Trees» – Max Richter: 7:52
- «Written on the Sky» – Max Richter: 1:56
- «Forever Young» – Alphaville: 3:46
- «November» – Max Richter: 6:07
- «Spiegel im Spiegel» – Arvo Pärt: 8:23



Thomas



Lauriane



Passado



Assassino

CAPÍTULO I

O meu nome



Sexta-feira, 8 de Outubro de 1999

Não fui capaz de respirar.

O peito doeu-me ao contraí-lo, não fosse o ar denunciar a minha ansiedade. A porta aberta mostrava o interior da casa de Thomas, onde as sombras sussurravam, fazendo crer que o assassino podia estar ali.

Adivinhando os meus pensamentos, Thomas confortou-me o braço com a mão. Não podíamos entregar-nos ao desespero.

Era isso que o assassino queria.

Acabávamos de ler a carta que ele enviara a Thomas, um convite para *jogar*. As palavras ainda tingiam os nossos pensamentos:

Wesley,

Não imaginas há quantos anos pretendo jogar contigo. Acho que nos podemos divertir imenso juntos. Afinal de contas, temos tanto em comum. Não achas?

Se não vês essas semelhanças agora, não te preocupes. Tudo ficará mais claro com o tempo. De momento, é certo que levo alguma vantagem – sei quem és, onde moras, o que gostas de fazer e a tua profissão.

E é mesmo isso que nos traz aqui, à primeira carta que te vou enviar. Sim, podes ter a certeza de que mais cartas virão. Esta servirá de pista para descobrires a primeira vítima. A Jessica ainda não está morta, mas algo me diz que não chegarás a tempo de a salvar. Isto é um jogo, mas não penses que é justo. Contudo, terás oportunidade de provar o teu valor e tentar vencer. Boa sorte.

Deixo-te um cartão com as pistas e uma mensagem muito especial. Mal posso esperar por ver até onde chegas.

Mas aviso-te: este jogo é entre nós os dois. Não vou permitir que ninguém se intrometa na nossa brincadeira e a estrague. Assim, em relação à inspectora Lauriane Bonnet, livra-te dela ou eu tratarei disso por ti.

Até à próxima

Aquela ameaça era para mim.

O caso Larry Miller foi o culminar de todas as vontades que viveram dentro do meu coração durante toda a minha vida. Finalmente, conseguira provar o meu valor. Mas agora havia alguém determinado a arrancar-me desse mundo, do lugar que, com tanto esforço, conquistei – tornara-me parceira de Thomas.

Não deixaria que ninguém roubasse o chão debaixo dos meus pés.

Mas poucos segundos após lermos essa carta, a vergonha tomou conta da revolta que senti. Thomas desligou a chamada com o comissário Vincent e informou-me de que o inspector Rodriguez havia sido assassinado.

O choque vivia nos nossos olhares desamparados. Aquela primeira derrota atingiu-nos como uma bala no peito. Ainda a segurar na pinça que prendia a carta, Thomas deixou os braços abaterem-se.

– Sou a tua parceira – afirmei, incerta quanto à ajuda que poderia dar para resolver o caso. As dúvidas trepavam-me pelo corpo à medida que a floresta sussurrava atrás de nós.

Que importância tinha a minha carreira de inspectora se um colega acabara de ser assassinado?

A resposta surgiu dos lábios de Thomas:

– Vamos prender este homicida e vingar a morte do inspector Rodriguez. – Tinha os maxilares contraídos.

Os cabelos eriçaram-se na minha nuca perante o ar de Outono. A floresta envolvia-nos, trazendo o aroma dos pinheiros e da terra ainda húmida, apesar do Sol que brilhava. Senti que o ruído do meu coração abafava tudo isso, escondendo-se depois perante a ameaça que gritava da porta aberta da casa de Thomas.

O seu olhar pediu-me cautela – o assassino que deixara a carta podia ainda estar lá.

Com a arma na mão e passos silenciosos, segui atrás de Thomas.

Isolada da cidade, a sua casa era um refúgio para a solidão. Tinha apenas um quarto, a cozinha, a sala e uma casa de banho – tudo divisões bastante minimalistas. Ponderei se ele havia alguma vez sido casado.

O mais certo era a resposta ser não.

Thomas era um inspector bastante dedicado, com todos os pensamentos entregues às investigações. Talvez a noite em que nos envolvemos não tenha sido mais do que um acaso. Ergui a cabeça, encarando as costas dele à medida que avançávamos com cautela pelo estreito corredor que unia as divisões. Não soube dizer o que sentia em relação a essa incerteza.

Mas tudo isso era secundário, pensei, a cabeça a abanar. Precisávamos de estar atentos a qualquer pista que pudesse ter sido deixada na casa.

A fina camada de pó que cobria o chão e os móveis era justificada pela semana que havíamos passado num motel na cidade a investigar a fuga de Larry Miller. O pó parecia intocado. Não se viam pegadas sobre o soalho que os nossos pés faziam ranger enquanto verificávamos cada divisão.

Talvez o assassino não tivesse chegado a entrar em casa.

Ainda assim, ao chegarmos à sala, Thomas reparou de imediato no armário atrás da mesa. Era lá que guardava as cópias dos casos que resolvera ao longo dos anos, incluindo o de Larry Miller. No entanto, todos os *dossiers* haviam desaparecido.

Thomas apressou-se até ao armário, por pouco não chocando com uma das cadeiras que rodeavam a mesa onde tantas vezes jantava sozinho.

Apertei o punho da pistola. Tinha os dedos suados, apesar do frio outonal que rastejava pela porta aberta.

– Ele levou todos os casos – disse Thomas, virando-se para mim.

Era ainda cedo para percebermos como é que aquilo encaixava nos planos do assassino. Em breve, descobriríamos.

Antes disso, a nossa prioridade era encontrar Jessica, a jovem que havia sido raptada no sábado anterior. O inspector

Rodriguez tomara conta do caso, mas foi assassinado por alguém com uma mensagem muito clara: «*Quero jogar com o Thomas.*»

Inspirei fundo, procurando buscar forças naquele ar que me sufocava.

– Vamos embora – disse Thomas, frustrado.

À medida que voltávamos para o exterior, pensei em Jessica. *Estaria viva? Chegaríamos a tempo de a salvar?*

Prestes a entrar na faculdade, Jessica era ainda mais nova do que eu quando saí de casa, em 1991. Nessa altura, qualquer sonho parecia tão irreal que não me atrevia a sonhá-lo. Só queria fugir.

Mas depois a minha vida ganhou um propósito. Tanto quanto havíamos averiguado de Jessica, o seu sonho era trabalhar para a NASA. Era esse o seu propósito.

Farei tudo para a salvar, pensei, cerrando os punhos perante a floresta sombria.

É curioso como, por vezes, os pensamentos nos assaltam. A violência com que o meu pai manchou a minha infância afastou qualquer crença num Deus que nos pudesse salvar. A minha bôia de salvação foi o que a minha mãe me dissera quando eu era pequena:

«Sempre que te sentires com medo, lembra-te do teu nome.»

«O meu nome?», perguntei, as sobrancelhas franzidas.

A minha mãe surgia-me nessa memória com um volumoso cabelo negro onde a luz clara repousava. Tinha olhos bonitos, embora marcados por uma tristeza que não sabia apagar.

«Sim, Lauriane. O teu nome significa *vitoriosa*», disse ela, segurando as minhas mãos de criança.

«Mas acabei de perder», respondi a soluçar.

«No fim, vais vencer.»